

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO
4 e 7 de Janeiro de 2020

U RI SUNHI / 2013
("A Nossa Sunhi")

Um filme de Hong Sang-Soo

Realização e Argumento: Hong Sang-Soo / Direcção de Fotografia: Hong Yeol-Park / Música: Jeong Yoeng-Jin / Som: Song Yea-Jhiun / Montagem: Hahm Sung-Won / Interpretação: Yu Mi-Jung (Sunhi), Sun-Kyun Lee (Moon Soo), Jae Yeong-Jeong (Jaehak), Sang Jung-Kim (professor Choi), Min-Woo Lee, Ji Won-Yee

Produção: Jeonwonsa Films Co. / Produtor: Kim Kyoung-Hee / Cópia digital (DCP), colorida, falada em coreano com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 88 minutos / Inédito em Portugal.

Sem ser dos títulos habitualmente mais destacados pelos cultores de Hong Sang-Soo, e vivendo com alguma discrição algures na "nuvem" formada pela produção do cineasta coreano durante a década que ainda é, ao contrário do que se diz, aquela em que estamos (os anos 2010, período em que o ritmo do autor decisivamente acelerou), **U Ri Sunhi** bem pode ser apontado como um dos filmes que mais perto estão de "encapsular" a essência (ou a quintessência) do realizador.

Comecemos pelas razões mais salientes de tal afirmação. A primeira terá que ser a limpidez, perfeitamente transparente, quase "escarrapachada", da organização narrativa do filme num sistema, dir-se-ia geométrico, de simetrias (que também é um modo de destacar as assimetrias), rimas e repetições. Quatro personagens, três homens e uma rapariga (que é a "nossa Sunhi", ou a "Sunhi deles"), que se multiplicam ou desmultiplicam em emparelhamentos internos, formando ao longo do filme - e isso é a base de cada cena - diferentes pares ou diferentes trios. As ironias "matemáticas" existem em muitos filmes de Hong, mas talvez em nenhum como este se explore tão a fundo a organização e o desenvolvimento narrativos enquanto arte combinatória de um conjunto de recursos (leia-se, neste caso, personagens) que estão praticamente dados desde o início.

Ao mesmo tempo, se rimas e repetições existem como elementos cruciais de tantos filmes de Hong, estarão aqui algumas das mais ricas num ponto de vista dramático e, até, "melodramático", se tomarmos esta palavra pela sua etimologia. Há os "gags" (o frango, sempre ou quase sempre chamado às várias cenas - quase todas as mais importantes - passadas à mesa de refeições e soju), mas há sobretudo a repetição, em sítios diferentes, daquela canção sobre "a terra natal" que tanto emociona uma das personagens masculinas (o jovem realizador) e que nunca se sabe bem de onde vem, passando-nos pela cabeça a hipótese de ela poder ser uma "projecção" vinda da cabeça

da personagem (e chegamos a um ponto em que convém referir que Hong é um mestre na criação de "jogos musicais", entre a função clássica da música no cinema, ser um "acompanhamento", e a existência de uma origem diegética para a presença dessa música - como se verá muito bem, e muito brilhantemente, quando chegarmos a **Grass**).

Claro que as rimas e repetições maiores têm a ver com o aparato visual das cenas e da sua organização. E aí é 100%, quintessencial, Hong Sang-soo, com as longas cenas à mesa, filmadas sempre da mesma maneira (em plano geral, a mesa de lado para o espectador, sem que a *découpage* venha procurar grandes planos ou isolar as personagens, a tal ponto que o nosso olhar sobre elas é totalmente "democrático" porque a câmara não privilegia nem nos aproxima especialmente de nenhuma delas), a acumulação de garrafas de soju e de cerveja a dar o tempo que passa e que justifica a maior euforia, ou a maior tristeza, ou a maior fúria, que entretanto, pelos vapores do álcool, foram tomando conta das personagens.

Mas dizer isso também é aproximar-nos do "indizível" do Hong Sang-soo, do pequeno milagre que sempre acontece muito para além da organização narrativa, ou da maneira de filmar, e que se prende exclusivamente com a presença das personagens e com a maneira como elas nos parecem, em todas as suas contradições e fragilidades, extraordinariamente vivas. Não se fala muito disso, mas **U Ri Sunhi** é um bom momento para o sublinhar: o carácter essencialmente introvertido de tantas personagens de Hong Sang-soo, e o papel fundamental do álcool para as arrancar a esse torpor virado para dentro e forçá-las a conviver umas com as outras (numa convivência que tem, por isso, tudo para ser desajeitada e repleta de mal entendidos). Esse carácter essencialmente introvertido está em pleno nas personagens de **U Ri Sunhi**, e é isso que explica o extraordinário (e maravilhoso de se ver) "atrito" das longas cenas de conversa, entre os silêncios e os discursos torrenciais, mais coerentes ou mais incoerentes. Mas, de algum modo, a introversão vem à baila em dois momentos precisos: num dos primeiros diálogos, entre o professor e Sunhi, quando o primeiro a adverte que uma das partes difíceis de fazer cinema (como habitualmente, as personagens orbitam entre as artes, especialmente a cinematográfica, e as universidades) é ter que trabalhar em equipa, advertência que nos informa do carácter reservado e ensimesmado de Sunhi; e, sobretudo, na cena que parecerá estranhíssima a qualquer extrovertido mas perfeitamente normal aos outros, aquela em que o jovem realizador vem chamar o amigo a casa e este, assim desinquietado na sua solidão quentinha, tem uma pequena explosão de cólera aparentemente desproporcional ao incómodo que lhe vieram causar.

Por tudo isto e por mais ainda que o espectador verá: **U Ri Sunhi**, maravilhoso filme.

Luís Miguel Oliveira
Luís Miguel Oliveira